

Itá I

Ivan Botelho, do grupo Cataguazes Leopoldina, disse no jornal o Globo de 13/09 que a simples expectativa da administração privada das obras da usina de Itá reduziu pela metade a estimativa de gastos necessários à sua conclusão. No dia 25/10 o Ministro de Minas e Energia, Delcídio Gomes, afirmou que a entrada do capital privado em Itá reduziu de 30 para 19 US\$/MWH a energia daquela usina.

Itá II

O Sinergia enviou carta ao presidente da empresa, Cláudio Avila pedindo esclarecimento sobre estes fatos. Como a simples expectativa de participação privada reduz o custo da obra? Como barateia a energia produzida? Como o atual ministro, ex-diretor de construções e de finanças da Eletrosul, não detectou tal possibilidade de redução de custos aqui, indo descobri-la lá em Brasília. Sem estes esclarecimentos as dúvidas recaem sobre a qualidade do corpo técnico da empresa.

Itá III

Novamente a Eletrosul descumpriu prazos de reassentamento dos colonos atingidos pela barragem de Itá, levando os agricultores a ocuparem, mais uma vez, a sede da empresa naquele município. O prazo de aquisição das terras venceu em janeiro e fevereiro. A ocupação aconteceu no dia 31 de outubro, e os colonos dizem que só saem de lá quando a Eletrosul adquirir a terra.

Dúvidas

Como a Eletrosul gastou cinco vezes mais do que o estimado na conversora de Uruguaiana? Como foi definido o valor de 19 US\$/MWH para a energia a ser entregue à Argentina? Como foi definido que 6 US\$/MWH são suficientes para amortizar o investimento? Que reflexo financeiro tem para a Eletrosul o fato de se entregar energia à Argentina por preço inferior ao pago pela energia de Itaipu? Estas e outras perguntas o Sinergia fez por carta ao presidente da Eletrosul, que afinal os números são muito estranhos...

Bye Real

O ex-ministro Afonso Celso Pastore anda dizendo em palestras sobre o plano Real que "ele já se esgotou em si mesmo, por isso é preciso ampliar a partir de agora velhos instrumentos de política econômica". Pastore não definiu o que sejam estes instrumentos mas, pelo jeito, a gente já sabe...

LINHA VIVA

Nº 291
04/11/94

Luto

Eletricitário protesta dia 7 de novembro

Roupas pretas, tarjas pretas, camisas da campanha. É assim que os empregados da Eletrosul vão trabalhar dia 7 de novembro, instituído pelo Coletivo Nacional dos Eletricitários como o "Dia de Luto Eletricitário". As manifestações deverão acontecer em todas empresas ligadas ao sistema Eletrobrás. O evento foi marcado depois da segunda rodada de negociações entre a Eletrobrás e os sindicatos, dia 26 de outubro. Na ocasião ficou bem claro que as empresas apostam na desmobilização dos empregados. A Eletrobrás demonstrou que não tem intenção em criar uma política salarial e nem superar o índice de 15,67% para reposição dos salários, ditado pela lei do Real. Os sindicatos decidiram que, enquanto não acontecerem avanços nas cláusulas econômicas, nenhum outro item da pauta será negociado. Observam, portanto que a participação e disposição de batalhar por isto, a ser mostra pelos trabalhadores neste dia 7, é definitiva para dar os rumos desta negociação. No encontro os representantes das empresas assinaram um pré-acordo que estendeu o prazo de vigência das cláusulas do ano passado e garantiram a data base, até a assinatura do acordo deste ano. Foi fixado também um calendário de negociações que têm como data limite 29 de novembro, quando deverá ser assinado o acordo 94/95.



Sipat/94

A Agência Regional de Florianópolis da Celesc promove de 7 a 11 de novembro mais uma **Semana Interna de Prevenção de Acidentes**. O evento conta com apoio do Sinergia, que patrocina a apresentação de uma peça teatral sobre segurança no trabalho. As programações ocorrem na Agência, em Tijucas e Angelina.

Tubarão

Dia 20 de outubro tomaram posse no Conselho Municipal de Saúde de Tubarão, Daniel Oliveira Martins e Pedro Paulo Souza, diretor do Sintraesc. Este sindicato foi escolhido para representar as entidades sindicais da região no Conselho. São os sindicatos assumindo a sua verdadeira função de defender, além da categoria, a cidadania.

Eleição da Elos

As assembleias dos sindicatos já definiram que a Intersul vai apoiar os seguintes candidatos para o Conselho de Curadores da Fundação Elos: Antônio Valdir Vituri, Mauro Batista Nunes e José Ronaldo Baltazar. Os suplentes são respectivamente Jorge Felipe Carminati, Hélio Bomfim Coimbra e Aldo Guido Votto. As eleições acontecerão de 21 a 30/11 e a apuração nos dias 5 e 6 de dezembro.

Atração fatal

O setor elétrico brasileiro está sendo considerado pelo capital internacional a grande atração das privatizações em 1995. As ações da Eletrobrás subiram depois das declarações de FHC de que faria um esforço para aprovar a lei das concessões ainda este ano.

Besteirol

Está escrito no Informe Elos nº 15: "A patrocinadora continua pagando em dia seus compromissos, exceto as prestações de maio a outubro de 94". Sem comentários.

Clima na DVCI/DPCO é tenso... e sem perspectivas de melhora

Imagine um funcionário com uma dificuldade momentânea para realizar uma tarefa. De repente um colega vai até ele com o intuito de auxiliá-lo. O outro responde que não quer ajuda, que em vez de ajudar seu colega quer delatá-lo, prejudicá-lo.

Atitudes intempestivas e irracionais como esta são características de maus ambientes de trabalho, onde a desconfiança é generalizada e o desentendimento é regra. Pois assim está o clima na DVCI/DPCO da Celesc, segundo alguns trabalhadores da divisão que procuraram a Linha Viva para denunciar a situação. Esta divisão é a mesma do representante sindical do Sinergia, Paulo Francisco da Silva, que está suspenso para apuração judicial de falta grave.

Segundo os empregados que procuraram o LV, pedindo para não serem identificados por temerem pressões, tudo começou em 1992, quando assumiu a chefia da área Augusto Gunter Kiel. "Ele chegou dizendo que ia moralizar a divisão, como se houvesse alguma coisa irregular lá dentro, e logo passou a alterar todos os procedimentos de trabalho, inclusive contrariando algumas orientações do próprio DNAE", relata um dos trabalhadores. Para Kiel a coisa foi diferente: "Eu nunca falei em moralizar, mas em acabar com a fama da divisão de que ela tinha um pessoal difícil, uma turma da bagunça".

Conforme o chefe, há mesmo um clima ruim "mas hoje cada um está trabalhando no seu canto, sem problemas". Kiel diz que "o clima foi criado por eles mesmos, quando começaram a entrar com ações na Justiça contra a empresa e não aceitaram a minha condição de preposto, de quem deve defender a empresa. Aí começaram algumas animosidades contra a minha pessoa que eu não posso aceitar, fazem chacinha e gozações".

Kiel se queixa de ter ouvido inclusive palavrões dos reclamantes, especialmente de Paulo Francisco. Para os empregados, no entanto, em algumas situações foi ele quem fez gestos obscenos e proferiu xingamentos aos funcionários. "Uma vez uma secretária brincou com ele dizendo que naquela época o chefe anterior trazia flores e presentes para os funcionários e ele respondeu que o presente que daria era 'este', gesticulando com as palmas das mãos viradas uma para a outra e balançando levemente". Consta também que uma vez o chefe teria ofendido a todos em alto e bom

som. Kiel diz que isso nunca aconteceu.

Outra alegação dos funcionários é a de que o chefe trouxe muitos funcionários de outras divisões para formar "a sua turma". Kiel contesta e diz que apenas substituiu funcionários aposentados ou agiu a pedido dos próprios empregados da divisão que tinham algum problema de relacionamento.

Conforme os empregados que procuraram o LV, a divisão vive em torno de fofocas e desconfianças estimuladas pelo próprio chefe. "Ele tem mania de horário, vive cobrando minutos dos empregados, chegou até a fazer queixa de uma empregada de outra divisão ao chefe de departamento, dizendo que ela faltava o serviço". Na visão do chefe "eles é que não querem produzir, querem bagunça, acham que a empresa é só um cabide de emprego". A preocupação de Kiel com a produção, segundo seus subordinados, "virou desprezo pela qualidade".

Outra acusação pesada dos empregados é que o chefe da DPCO faria vistas grossas para um "protegido que passa os dias negociando dólar e contrabando dentro da empresa". Kiel diz que não tem conhecimento de nada sobre o assunto.

Sobre a questão do representante sindical suspenso, Kiel diz que nos processos trabalhistas "o rapaz se excedeu numa peritagem, e ninguém é de ferro, ele me chamou de mentiroso, me chamou para a porrada, por isso encaminhei a questão para a esfera superior, coloquei ele a disposição do chefe de departamento".

Os empregados da divisão já chegaram a reclamar da postura de Kiel ao próprio chefe de departamento, Caramuru Pereira de Souza, mas nada aconteceu. Procurado pelo Linha Viva, Caramuru diz que "não tenho nada a declarar. Li no Linha Viva que esta questão seria discutida com o presidente e estou esperando ele me chamar, daí, consoante com o presidente, tomarei a atitude cabível".

Neste verdadeiro fogo cruzado os únicos atingidos até agora foram o ambiente de trabalho e Paulo Francisco, que está suspenso e sem salário. O Sinergia segue na tentativa de agilizar uma solução tanto para a divisão quanto para o seu representante, cobrando da diretoria da empresa uma solução e o fim de posturas autoritárias de chefias.

EXPEDIENTE

Linha Viva é uma publicação semanal da Intersindical dos Eletricistas de Santa Catarina com tiragem de 7.500 exemplares. Conselho Editorial: Fábio Pedro Dal Bó, Arno Veiga Cugnier, Mauro G. Passos, Glaucio C. Marques e Luiz Cézare Vieira. Editores: Gastão Cassel (DRT/RS 6166) e Marli Cristina Scamazzon (DRT/RS 4966). Ilustrações: Frank Maia. Diagramado e composto na Estação de Editoração Eletrônica do Sindicato dos Eletricistas de Florianópolis. Impressão: Gráfica do jornal Diário Catarinense. Redação: Rua Lacerda Coutinho, 149, Fpolis, SC. CEP: 88015-030. Fone (0482) 22-3866 Telefax: (0482) 23-5596. Cartas para a Tribuna Livre não podem ter mais de 30 linhas, e sua publicação fica a critério dos editores. As matérias assinadas não correspondem necessariamente à opinião do jornal.

Sem reestruturar a polícia não há solução para o Rio

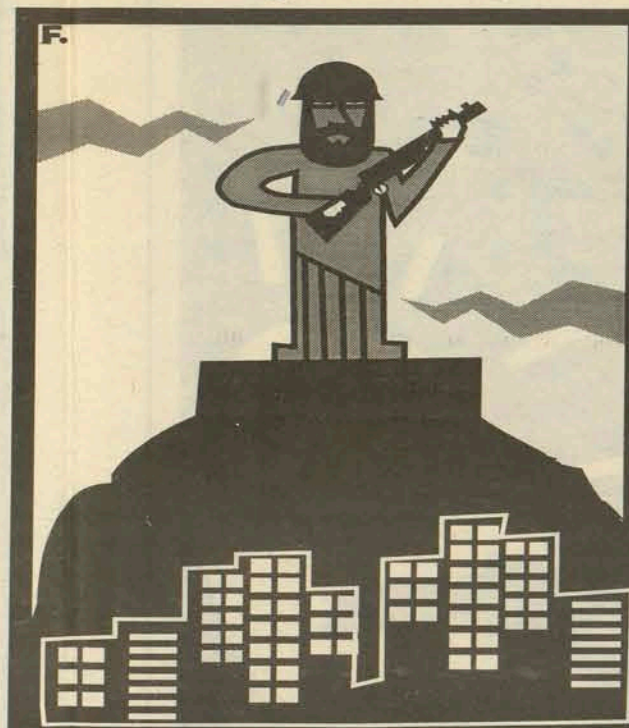
O jurista e deputado federal reeleito Hélio Bicudo (PT/SP) é uma das maiores autoridades do país quando se fala em direitos humanos, segurança e criminalidade. Descansando em seu sítio, onde se recupera de uma cirurgia, respondeu algumas questões com exclusividade para o Linha Viva sobre a criminalidade no Rio de Janeiro. Nossa entrevista ocorreu um dia antes do acordo entre os governos federal e estadual que passou o comando das operações contra o tráfico para o exército, descartando a intervenção armada. Mesmo assim, julgamos que as respostas de Bicudo seguem atuais e estimulam discussões interessantes.

O que o Sr. acha da proposta de decretação de Estado de Defesa no Rio de Janeiro? Até que ponto ela representa uma ameaça à democracia e aos direitos dos cidadãos?

Hélio Bicudo - Penso que a proposta não representa qualquer coisa de positivo para a situação de crise.

A posição da OAB e de outras entidades de tradição democrática, defendendo o Estado de Defesa não é uma contradição?

HB - É equivocada a posição da OAB e de outras entidades de tradição democrática, mesmo porque medidas de curto prazo são incompatíveis com a solução do problema. O problema do narcotráfico ou do contrabando de armas não é de hoje, e a polícia não se preparou para a prevenção. É preciso convir que não dispomos sequer de um sistema de rastreamento aéreo para impedir vôos clandestinos. Por outro lado, embora a polícia militar se diga ostensiva, é apenas repressiva. Ora, de nada



vale estourar este ou aquele ponto ou até toda a cidade do Rio de Janeiro, porque somente uma política de segurança preventiva poderá resolver, no tempo, o problema do crime organizado. Estoura-se um ponto e logo brotam outros mais.

A intervenção de forças federais significa a decretação de falência técnica e moral das polícias cariocas?

HB - A intervenção federal, que não vai resolver o problema será um fator de desmoralização geral.

Temos uma polícia basicamente voltada para a defesa do Estado e não dos cidadãos. Que tipo de mudanças nas leis e nas estruturas policiais e judiciais seriam necessárias para preservar a cidadania e a democracia?

HB - É preciso desvincular a polícia militar do Exército, criando uma polícia unificada, com um segmento uniformizado para a prevenção, policiamento ostensivo e preservação da ordem pública, e um outro

segmento em trajes civis para a investigação, com função técnica e científica, atuando de maneira articulada com o Ministério Público. A parte preventiva abrangeria o policiamento das fronteiras e da orla marítima.

Em países como a Bolívia, a utilização do exército no combate ao narcotráfico se mostrou ineficiente e, inclusive, fez com que o próprio exército abrisse as portas para a corrupção. No nosso caso, não há risco da situação se repetir?

HB - Sem dúvida, a corrupção se alastraria.

Sabe-se que os traficantes possuem armamentos sofisticados, inclusive superiores aos das polícias e do próprio exército e que uma presença militar certamente seria rechaçada com violência. Não se estabeleceria uma espécie de guerra civil onde a população dos morros levaria a pior?

HB - O exército poderia acabar com os pontos e até com a cidade, mas as quadrilhas se recomporiam e voltaria-se ao marco zero, com o inútil sacrifício de inúmeras vidas humanas.

A grande mídia tem dado ampla cobertura às situações de violência no Rio. Qual o papel da mídia em um processo polêmico destes. Ela não acaba por reproduzir de forma ampliada a violência, promovendo medo e desespero?

HB - A mídia deveria proporcionar uma discussão aberta sobre o problema, para que se chegasse a uma solução definitiva, ainda que num prazo mais longo.

A violência no Rio e em outras cidades tem partido não apenas dos supostos criminosos mas, também, da própria polícia. Como se pode tratar desta situação?

HB - A associação bandido/polícia é, no caso, a tônica maior. A situação só pode ser controlada na medida em que o governador não for refém de "sua" própria polícia.

O combate ao narcotráfico em países como os EUA é tida como questão estratégica, merecendo fatias generosas do orçamento militar e justificando a presença armada em diversos países latino-americanos. Até que ponto esta questão é realmente grave, como se gerou esta indústria milionária em torno das drogas?

HB - No caso dos EUA o tráfico e a política se misturam para permitir o domínio político, como aconteceu, por exemplo, no Panamá e está acontecendo mediante a intervenção de suas forças armadas em países como o Peru e a Bolívia, em particular.

Programa de combate ao alcoolismo tem sucesso

Aquilo que os idealizadores e defensores previam, realmente aconteceu: o Programa de Combate ao Uso de Drogas e Alcool, que está em andamento na Celesc, tem mudado a vida de muitos empregados. Apesar de ter iniciado apenas em junho passado os primeiros resultados são positivos.

Em Lages, 12 inscritos seguem o programa. Quando fala deles, a assistente social da empresa, Maria Emília Furlanetto, se emociona: "as mudanças são incríveis. O comportamento muda de um dia para outro. É muito bonito ver como ficam melhores. A alegria dos filhos é impressionante. Até melhoras financeiras acontecem e eles passam a ser mais atuantes inclusive socialmente". Diante de tais resultados, Maria Emília ansia pela participação de mais empregados no programa. "A gente sabe que há mais gente que se beneficiaria, mas enquanto as chefias

não encaminharem o empregado a gente não se envolve, por que esta é uma premissa do programa". Mesmo assim dois empregados encaminhados não aceitaram a ajuda. Um deles acabou se aposentando. Em troca, outro funcionário que se aposentou depois de ter se inscrito continua a fazer parte do grupo.

Já em Joaçaba, o programa atende apenas dois empregados. "Tem muito mais gente que precisaria de ajuda mas esperamos que a iniciativa seja dos chefes. O grupo inclusive está discutindo formas de envolver mais as chefias com o assunto", conta a assistente social Seneide Grando. Mas o simples fato da criação do programa, entende Seneide, "já ajudou bastante. Só de falar abertamente sobre o assunto, fazermos palestras, de eles verem que as pessoas se preocupam com isto, o pessoal com problema muda. Se cuidam mais, não bebem tanto e muitos procura-

ram o AAA daqui".

Solidariedade - Se em Joaçaba a solidariedade é grande com as pessoas dependentes de drogas (Seneide tem contado com a ajuda dos médicos locais, de associações de terceira idade e de aposentados), o mesmo não acontece em Lages. Maria Furlanetto diz que as brincadeiras dos colegas acabam desestimulando os interessados no programa. "Fica aquele clima de piadinha, colegas de trabalho dizendo que os inscritos viraram crentes, e isto é péssimo para o astral destas pessoas".

O Programa de Combate ao Uso de Drogas e Alcool requer não só uma nova postura dos inscritos como de toda empresa: chefes e colegas além do respeito a estas pessoas devem se comprometer com o crescimento não só pessoal como de todos que os cercam.

TRIBUNA LIVRE

À Corda Eletrosul

Delman Ferreira
Diretor do Sinergia

Negociar é como disputar um cabo de guerra. O segredo está em garantir a base. Firmar-se em sua posição e demover o adversário.

É um jogo onde não existem surpresas ou artimanhas geniais. Todos os movimentos são conhecidos, previamente estudados e tem que ser executados no tempo certo e coordenadamente. Qualquer esforço isolado, qualquer tentativa de resolver sozinho, será apenas um gesto de desespero e energia desperdiçada.

Estamos iniciando um processo de negociações com a ELETROSUL e o Grupo ELETROBRÁS onde o comportamento da categoria é uma incógnita. Temos certeza que todos conhecem seu papel, ninguém é inexperiente. Falta o convencimento de que as conquistas são possíveis.

Para nós da Federação e do CNE está claro que este processo é bastante diferente dos anos anteriores. Desta vez existem condições objetivas para ampliar os limites da negociação. As propostas alternativas apresentadas pelos sindicatos são quase inquestionáveis do ponto de vista político e técnico. São propostas perfeitamente fundamentadas nos boletins e documentos oficiais das empresas. Assim como, são propostas embasadas no que vem acontecendo no cenário nacional. São, portanto, propostas já incorporadas e assimiladas pelo próprio governo, visto que preservam a integridade financeira das empresas, além de garantir os "dogmas" estabelecidos pelo "plano real".

Aqui é que entra o cabo de guerra. Com a categoria demonstrando firmeza em suas posições e com ações perfeitamente articuladas e executadas no passo e compasso certos, poderemos derrubar as barreiras da intransigência. Estamos a quatro anos numa total imobilidade com aparente indiferença por parte da categoria. Esta situação nos levou aos mais baixos níveis salariais de nossa história e de todo o setor estatal, além de permitir liberdade para as mais vis manobras por quem pretende a destruição do setor elétrico. O "cada um por si" também não tem resolvido prá ninguém. A hora é agora.

Acorda ELETROSUL!

Florianópolis vive o teatro em dez dias de festa

Eliane Lisboa
crítica teatral

Programação de cinema

Esta é a programação de cinema do centro Integrado de Cultura. Os eletricitários têm direito a meia entrada mediante apresentação de carteira do Sinergia, conforme convênio. O cine Art 7, que também é conveniado, não informou a programação em tempo para a publicação.

Dia 4, sexta-feira

19h45min - Clandestino (filme cubano)

21h45min - Ovos de Ouro

Dia 5, sábado

19h45min - Um homem em sucedido (filme cubano)

21h45min - Ovos de Ouro

Dia 6, domingo

19h45min - Um amor sem preconceito (filme cubano)

21h45min - Ovos de Ouro

Dia 7, segunda-feira

21h - A bela do Alhambra (filme cubano)

Dia 8, terça-feira

21h - Plaf (filme cubano)

Dia 9, quarta-feira

21h - A morte de um burocrata (filme cubano)

Resenha

Ovos de ouro

Ovos de ouro - Espanha, 1993. Realização de Bigas Luna, roteiro de Cuca Canals e Bigas Luna. Atores: Javier Barden, Elisa Touati, Maria de Medeiros, Maribel Verdu, Rachel Bianca e Alessandro Gassman. Segundo filme da trilogia que começou com *Jamon, jamon* (expressão espanhola para uma mulher "muito gostosa") e acabou com *La teta* (em lançamento da Espanha, da relação do seio da mulher e a lua). Bigas Luna, 48 anos, é o lado escurado do cinema espanhol, menos sutil que Almodovar. De seus sete longas em 10 anos, somente três não receberam prêmios. O filme mostra a ascensão e queda de um crápula moderno, machão que acredita ter nascido para o sucesso.

O Festival de Teatro Isnard Azevedo, sem dúvida nenhuma, é um dos eventos mais importantes dentro da atual produção cultural de Santa Catarina. De caráter nacional, o festival tem atraído para Florianópolis grupos de teatro dos mais diferentes estados e com uma produção bastante heterogênea.

A busca da linguagem popular esteve presente no espetáculo **O Ferreiro e a Morte**, vindo do Rio de Janeiro, que a partir de uma temática medieval constrói uma montagem moderna e dinâmica, resgatando elementos musicais através dos tempos e inclusive inserindo com muita precisão o rap na cena.

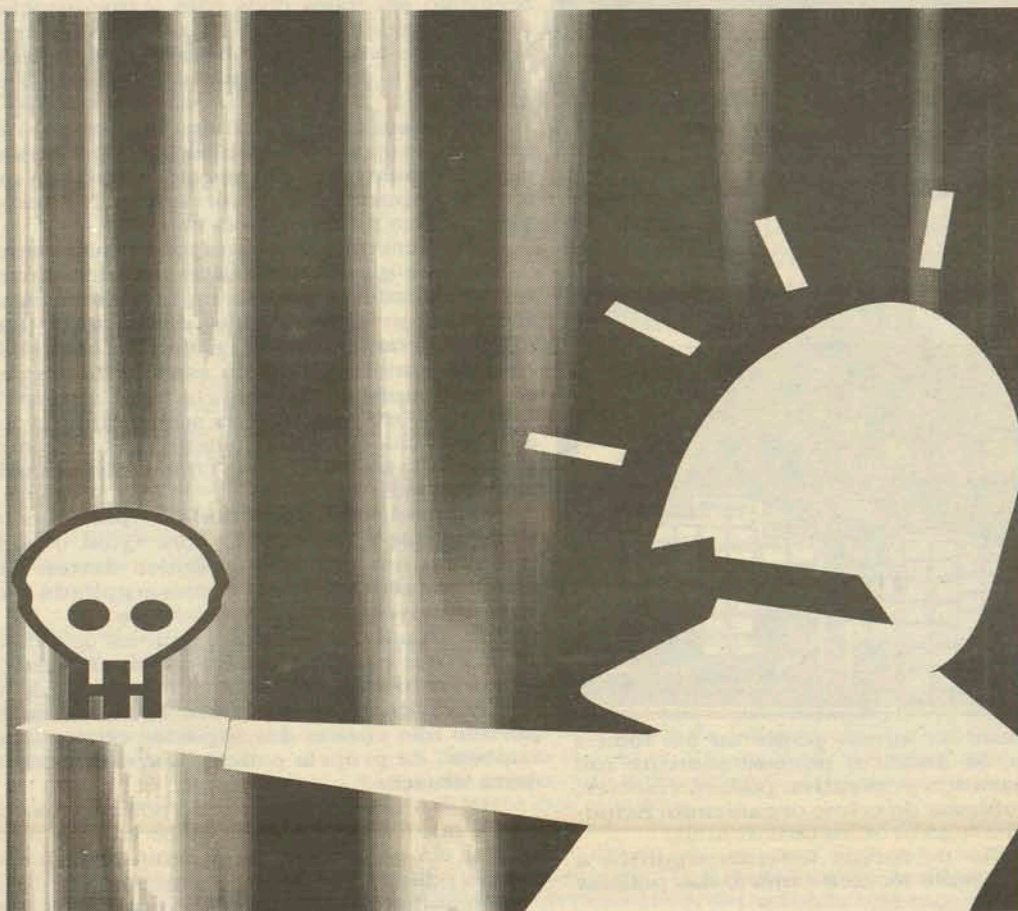
Por caminho absolutamente diverso, o espetáculo **Medéia-Material**, de São José do Rio Preto, criado a partir de texto do alemão Heiner Muller, trabalha os símbolos e as imagens, buscando construir um clima de tensão e revolta, a partir daí comunicando-se com o público, muito mais do que pelas falas e o trabalho dos atores.

Em outro extremo ainda, **Anatomia Humana e Vivo Campanella**, do paranaense Edson Bueno, surpreende pela originalidade e irreverência, num espetáculo alucinado e alucinante que engole o público para cuspi-lo tonto e perdido ao final da cena.

Participação catarinense

Santa Catarina, que da totalidade do Festival concorria com seis espetáculos, teve papel de destaque, sobretudo com o espetáculo **Histórias de Tanto Amor**, de Itajaí, indicado para melhor direção e premiado pelo conjunto de atores. De uma seleta coletânea de textos, o espetáculo constrói um mundo de imagens simbólicas e poéticas numa direção impecável. **América**, de Florianópolis, recebeu prêmio de melhor atriz e melhor figurino, além de ter sido indicado por sua dramaturgia. Na categoria infantil, o espetáculo **O Contador de Histórias**, trabalho de bonecos simples e bem elaborado, teve também seu valor reconhecido.

De uma maneira geral os espetáculos do Festival este ano mantiveram um padrão de boa qualidade, pautando-se por uma pesquisa cênica centrada na figura do ator, numa linguagem moderna onde as grandes construções cenográficas já não tem mais lugar. O teatro anda em busca de sua essencia-



lidade e esta encontra-se na figura do ator.

Um circo para o povo

Além da mostra concorrente, este ano o Festival contou com uma diversificada apresentação de trabalhos no Largo da Alfândega, o que ampliou ainda mais o leque de espectadores. São muitos os que não entram no TAC mas com muito prazer instalam-se nas arquibancadas da lona de circo ali colocada.

E ali tiveram a chance de apreciar trabalhos da qualidade do já citado **O Ferreiro e a Morte**. Ali também assistiu-se a uma das apresentações de **O Primeiro Milagre do Menino Jesus**, espetáculo montado a partir do texto de Dario Fo, com o ator Roberto Birindelli. O texto mistura o profano e o religioso numa crítica bem humorada e termina por questionar as relações sociais, o racismo e as possibilidades de reagir-se à opressão. Isto através do fino humor de Dario Fo e do trabalho primoroso e detalhista de Birindelli.

Outro acontecimento deste Festival foi o grupo norte-americano Bread and Puppet Theater, que fez algumas apresentações em praça pública, in-

clusive na Lagoa da Conceição. A apresentação inicial do grupo decepcionou muita gente, mas depois revelou-se tratar-se apenas de um improviso, já que os bonecos e todo o material de cena do grupo ainda estavam por chegar. Mas de fato o Bread and Puppet desenvolve um trabalho muito simples, fruto de uma concepção teatral dos anos setenta que ele faz questão de cultivar.

Para o grupo o importante é a comunicação imediata com o público e a possibilidade de questionamento de alguns problemas em que nos vemos mergulhados, como a corrupção na política e a exploração dos mais fracos. A companhia americana apresentou o seu Cardboard Circus, na verdade uma paródia das grandes apresentações circenses, que mantém a emoção de seus protagonistas e a tensão criada no picadeiro.

O Segundo Festival Nacional de Teatro Isnard Azevedo faz de Florianópolis hoje um ponto obrigatório de teatros e mostra, para quem ainda tiver dúvidas que a cidade sabe apreciar a boa arte teatral. Basta que ela tenha qualidade e nos seja oferecida a preços acessíveis.